
Camões, até onde os olhos alcançam: o *Triunfo* de Maximiliano I e o Barroco de Eugenio D’Ors

Camoens, as far the eyes can see: The Triumph of Maximilian I and Eugenio D’Ors’ Baroque

Júlio Bandeira

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.nEsp.a1486>

RESUMO

Com *Os Lusíadas*, Luis de Camões oferece uma visão holística para o Mundo não-europeu que coincide com a pretensão da Procissão Triunfal encomendada pelo Imperador do Sacro Império, Maximiliano I. O historiador da arte espanhol Eugenio D’Ors afirma que Grécia e Portugal são as matrizes culturais da Europa e de que, com o Barroco, Portugal abre as culturas do resto do Mundo à Europa. Esse texto busca mostrar que foi por intermédio do Barroco que o Brasil se aproximou do Oriente.

PALAVRAS-CHAVE: *Os Lusíadas*; barroco; oriente.

ABSTRACT

In *The Lusiads*, Luís de Camões presents a holistic vision of the non-European world that aligns with the concept of the Triumphal Procession commissioned by Holy Roman Emperor Maximilian I. Spanish art historian Eugenio d’Ors asserts that Greece and Portugal are Europe’s cultural fountainheads and that, through the Baroque, Portugal opened the

cultures of the rest of the World to Europe. This text aims to demonstrate that it was through the Baroque that Brazil drew closer to the East.

KEYWORDS: *The Lusíads*; baroque; orient.

No início do Quinhentos, para perseguir o Oriente na Carreira da Índia, a nau de Camões teve de realizar obrigatoriamente no Atlântico, ou Mar Oceano, a “volta grande”. Aproximava-se, assim, da barriga do Novo Mundo, onde situava-se *Terra Brasilis*. Foi, talvez, por essa passagem ao seu largo que a América Portuguesa começaria desde seu início ocidental a respirar paradoxalmente os “Fumos do Oriente”; não aqueles tão severamente criticados por Alexandre Herculano (1810-1877) como corruptores da nação portuguesa, mas aqueles que Gilberto Freyre (1900-1987) percebera em *Sobrados e mucambos* ao olhar para o Estado do Brasil ainda colônia: seja nas mangueiras indianas, seja nos quintais dos telhados das casas com seus beirais achinesados em asa-de-andorinha. O título deste ensaio não se refere diretamente nem ao Brasil, nem aos *Lusíadas*, é no *Triumphzug* (Cortejo Triunfal) do Imperador Maximiliano I (1459-1519) que ele encontraria seu primeiro sentido. Ele busca nos versos camonianos, no “toda parte”, no seu sonho universal para o Rei português, a representação conceitual de uma *orbis* onde o sol nunca se põe no imaginário português: “Cantando espalharei por toda parte / Se a tanto me ajudar o engenho e arte”. Nesse sentido, escreve D’Ors (1976, p. 123-124):

o outro ponto que podemos, com todo o direito, assegurar é o da segunda influência, a influência oriental. Chamamos-lhe ‘oriental’ pois é esse o costume; poderíamos também dizer ‘extremo-ocidental’; seria mais claro e mais exato falar aqui de ‘vocação das Índias’, de ‘nostalgia das Índias’, molas ocultas, sabemos-lo, de toda a precocidade barroca. A primeira impressão que recebe o

mais profano em presença dos monumentos manuelinos é a de um parentes-co evidente com o longínquo. Os autores falam de arte indo-portuguesa; poderiam igualmente falar de uma arte luso-indiana. O manuelino desempenha aqui o papel da tiara em questão ... E os antecedentes orientais, somados aos antecedentes franciscanos chegam, a nossos olhos, para demonstrar que, se uma corrente oriunda de Portugal inunda a Europa moderna, é porque os portugueses tinham bebido eles mesmos nas águas de correntes mais antigas.

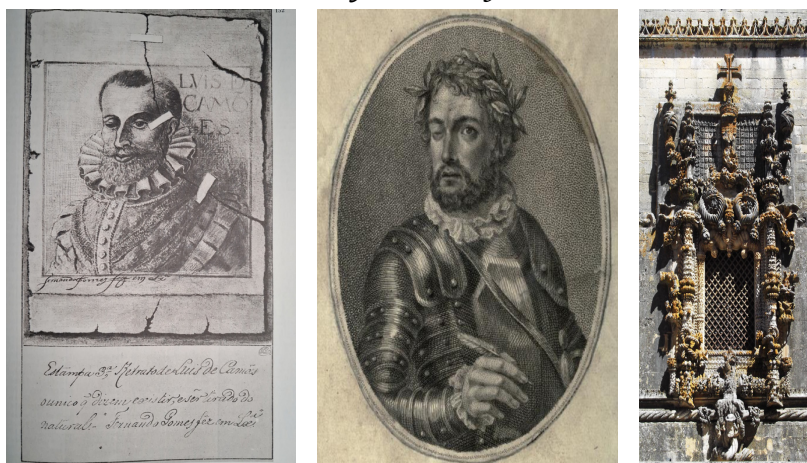
A ilustração abaixo (Fig. 1) aparece na primeira edição inglesa dos *Lusíadas*, publicada em Londres no ano de 1655. Sua tradução foi levada a cabo por *sir* Richard Fanshawe, embaixador em Lisboa entre os anos 1661-1663 – essa edição trazia, além de Camões, os retratos do infante dom Henrique e de Vasco da Gama – e a legenda afirmava ser o “único que dizem existir e ser tirado do natural” por Fernando Gomes¹. Já o retrato ao lado (Fig. 2) pertence a edição de 1817, compilada pelo morgado de Mateus, possuindo um embelezamento romântico.

Antes de partir para o Oriente, poeta já perdera o olho direito, mas foi esse Camões cruamente caolho que poderia tê-la vislumbrado com seu olho vivo por entre a tela de pedra esculpida e perfurada em Tomar: o *jaali* a cortina feita de pedra lioz português perfurada (Fig. 3). Essa treliça cinzelada, que obedeceu a uma técnica para filtrar a luz originária da arquitetura indo-islâmica e hindu para tornar-se a obra-prima do estilo manuelino com sua ornamentação em calcário feita de marinharia: cordas, nós, corais, cortiça e boias, emoldurando uma esfera armilar e a Cruz de Cristo, unindo no topo a iconografia de elementos terrenos e celestes representando o cosmos. A janela do capítulo, aqui reproduzida ainda com sua pátina desaparecida na última restauração de 2023, seria a cortina que abriria virtualmente o Oriente para o poeta, mesmo que nunca tivesse estado de Tomar.

¹ Ver Boxwer (1990).

Em Portugal descobre-se um estilo dito ‘manuelino’, enquanto que em toda a América, no Peru, na Argentina, no México, na Califórnia especialmente, se volta às inspirações de um ‘estilo colonial’. (Werner) Weisbach (1873-1953), pelo seu lado, torna o Barroco objeto de importantes trabalhos. (Wilhelm) Woerringer descobre parentescos imprevistos entre duas manifestações históricas tidas até então por inconciliáveis, entre o gótico e o Barroco. (Geoffrey) Scott (1884 -1929) fala de uma ‘arquitetura do humanismo’. A síntese de (Oswald) Spengler (1880 -1936) descobre a inspiração barroca de certos fenómenos da história da cultura: a invenção, por exemplo, da paisagem e do género pictórico conhecido pelo nome de ‘marinha’ (D’Ors, 1976, p. 70).

Figuras 1, 2 e 3



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Buscar-se-á nessas linhas unir aos *Lusíadas* o projeto de propaganda do Sacro Imperador Romano, um Triunfo à maneira dos romanos com cerca de 54 metros de comprimento, essa procissão feita de imagens gravadas a partir de pelo menos 139 blocos de madeira. Uma iconografia que une pela primeira vez visualmente o Mundo: nela coabitam canibais brasileiros, com papagaios, crianças e cestas de frutas, em seu primeiro registro imagético com guerreiros africa-

nos, trajando mantos de leopardo, seguidos de indianos que terminam o préstito do Imperador. As duas ilustrações (Fig. 4 e 5) a seguir têm o título comum de *Gente de Calicute* e datam de c. 1519, são as pranchas 131 e 129 do *Triumphzug*².

Figura 4 – Gente de Calicute.



Fonte: Burgkmair ((c 1518a)).

Figura 5 – Gente de Calicute (detalhe).



Fonte: Burgkmair ((c 1518b)).

²Ver Jones (1928).

Hans Burgkmair produziu suas gravuras baseado no relato de Balthasar Springer a respeito dos povos que encontrou em sua viagem à Índia (1505-1506), quando integrou a frota portuguesa de Dom Francisco de Almeida, o primeiro Vice-Rei da Índia. Esse conjunto é aberto por “indianos”, sendo que o turbante é reservado apenas àquele que conduz o elefante branco que conquistou os corações de Roma. Esse paquiderme foi claramente inspirado em Hanno (ou Annone, em italiano), o elefante branco do Papa, oferecido ao Sumo Pontífice pelo rei D. Manuel I³ em 1510 e que se tornaria a mascote favorita de Leão X. Compondo a gravura estão “indianos” trajando cocares e saíotes muito mais afeitos aos tupinambás!

O relato de Ludovico de Vathema (c. 1470-1517) está entre as primeiras fontes para os europeus não-portugueses terem acesso às Índias. Ele foi o primeiro europeu a entrar na Meca e a chegar a Sumatra e as Molucas, entre outras lonjuras⁴. Seu livro foi um sucesso, com cerca de 31 edições até meados do século XVII, traduzido, entre outras, do italiano para o alemão, cuja primeira edição, publicada em Augsburgo, data de 1515 e pode ter influenciado a parte oriental do *Triumphzug*.

Mas é a partir dessa janela manuelina que o historiador da arte Eugénio D'Ors construiu uma interpretação fulgurante que irá unir o Mundo inteiro a Portugal. Seu livro *O Barroco* (1976) é um texto que oferece a possibilidade de unir, no chamado Novo Mundo, a América portuguesa aos extremos de um império desaparecido. As igrejas brasileiras e as cidades brasileira, como as gentes que as habitam, terão como parte de suas identidades um sabor arquitetônico que veio das Índias. *É tentador imaginar que dessa janela capitular Camões começaria seu périplo dos Lusíadas*, de lá chegar-se-ia primeiro à

³ Ver Jones (1928).

⁴ Ver Jones (1928).

Torre de Belém, dela às naus, ao Cabo das Tormentas, ao Índico, à Taprobana, Malabar, Macao e, por que não, à Bahia, Pernambuco e São Vicente.

D'Ors fala do imaginário admirável que habita Tomar, cuja imagem ainda desconhecida em França, deixou a plateia pasma ao ser apresentada:

Janela de Tomar, um estímulo de admiração fez levantar todos os que estavam presentes: devia traduzir-se entre alguns por uma verdadeira crise intelectual. *Por mim*, sempre vi nessa janela, um dos símbolos essenciais da mensagem lusitana no mundo. É, a sua maneira, um poema épico, um emblema coletivo total, como pode sê-lo a epopeia de Camões, *Os Lusíadas* (D'Ors, 1976, p.119).

Que aquele que deseje possuir uma das chaves mestras que permitam explicar a arte espanhola e de lhe definir o carácter procure em Portugal. De Portugal, com efeito, provém metade do sentido secreto da nossa história espiritual. Da nossa, digo eu? De toda a história europeia, provavelmente. Arrisquei, por vezes, que no composto designado pelo nome de Cultura, a Europa não apresentava, numa análise rigorosa, senão dois corpos simples: Grécia e Portugal. O resto é, talvez; uma questão de dosagem. ...Portugal oferece-nos, digo eu, o arquétipo do Barroco (D'Ors, 1976, p. 117).

Com a perda da maior parte do império oriental para holandeses e ingleses, o Estado do Brasil tornar-se-á a principal colônia portuguesa. Uma terra zelosamente fechada ao Mundo fora do Império português que passa a absorver os fumos das Índias; os costumes do Oriente vestirão a América portuguesa, isso bem observou Gilberto Freyre (1951). Como veremos a seguir, Índia e China chegarão ao Brasil ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e início do XIX; *mutatis mutandis* era Portugal, ao perder seu Império do Oriente, trazendo a Ásia para o Novo Mundo.

As arcadas (Fig. 6 e 7), pintura anônima de c. 1570-1580, mostra as arcadas que cercam o chafariz d'el-Rei, a mais antiga fonte de Lisboa no bairro judeu, com uma espantosa diversidade de etnias, entre as quais se destaca o cavaleiro africano a ostentar o hábito da nobilíssima Ordem Militar de Santiago da Espada, cujo grão-mestre era desde 1551 o rei de Portugal. Ele monta um cavalo ricamente ajaezado, sendo a mais montaria representada na pintura. Outro detalhe de igual importância, que pode ser observado no detalhe do óleo, é a aparente ausência de preconceitos de carácter racial, com um homem negro a dançar abraçado com uma mulher branca.

Figura 6 – *Chafariz d'el-Rei*.



Fonte: (Chafariz [...], [c. 1570-1580]).

Figura 7 – Chafariz d’el-Rei, detalhe.



Fonte: (Chafariz [...], [c. 1570-1580]).

Nas reproduções que se seguem (Fig. 8 e 9), buscou-se registros de pinturas contemporâneas da Rua Direita de Goa e da Rua Nova dos Mercadores em Lisboa, seu notável cosmopolitismo. Uma iconografia que seria reconhecida em parte no Brasil, mas com a presença mais explícita e desoladora da escravatura. Essas imagens têm por objetivo demonstrar uma obediência ao mesmo padrão nos dois hemisférios.

Figura 8 – Vista da Rua Nova dos Mercadores desde o Arco dos Barretes até o Arco dos Pregos.



Fonte: (Vista [...], [c. 1550-1619]).

Figura 9 – O Leilão que se faz cada dia pela manhã na Rua Direita na Cidade de Goa.



Fonte: Van Linschoten (1596).

Com a legenda *O Leilão que se faz cada dia pela manhã na Rua Direita na Cidade de Goa* (Fig. 9), a paisagem urbana registrada “do na-

tural” por Linschoten (1563-1611) mostra, porém, uma cena cotidiana de luxo superior àquela de sua equivalente Rua Nova do Mercadoes. Tamanho era o luxo revelado por Linschoten, um holandês a serviço do arcebispo de Goa nos anos 1583-1588, oito anos depois publicava seu *Itinerario* em Amsterdam, tamanho foi o sucesso do livro que, à edição de 1596, seguiram-se as traduções de 1598 para o inglês e o alemão, todas ilustradas revelando ao resto da Europa a vida luxuriante na Índia portuguesa.

No Brasil, em Pernambuco, era evidente que a escravidão e a monocultura prevaleciam como provedores da riqueza colonial. Uma imagem brutal que se abre durante a ocupação holandesa pela Companhia das Índias Ocidentais (WIC) nos anos 1630-1654. Zacharias II Wagner (1614-1668) dos artistas a serviço de Maurício de Nassau durante os oito anos que governou o Brasil holandês.

Figura 10 – *Mercado de escravos.*



Fonte: Wagener ([c. 1630]).

A arquitetura de Recife (Fig. 10) que Wagener desenhou e aquarelou nos anos 1630 assemelha-se em muito às ilustrações anteriores que retratam Lisboa e Goa do Quinhentos. Ela pertence a um conjunto reunido em um caderno com um total de 109 pranchas encadernadas. Mas, apesar da enorme semelhança enquanto paisagens urbanas, o registro de Wagener choca pela violência da mancha dos escravizados amontoados à espera de serem vendidos. Há algo literalmente desumano na representação dos africanos de “guiné”, como a eles se refere Wagener, um alemão natural da Saxônia. Falta nela a vivacidade presente nas imagens anteriores, desoladora e macabra, talvez seja a mais forte denúncia iconográfica sobre a escravidão no Brasil.

Essa presença medonha da escravidão ficará evidente nas imagens que se seguem na ponte imagética que se buscou entre os costumes da Ásia e da América unidos pela mão portuguesa. Há uma alegria nas imagens asiáticas que desaparece nas americanas, como pode ser observado nas duas imagens abaixo (Fig. 11 e 12), ambas produzidas por artistas amadores, com o detalhe de que a da direita foi, ao que tudo indica, por mãos indianas.

Figura 11 – *Gente honrada portuguesa da Índia.*



Fonte: (Gente honrada [...], [c. 1550]).

Figura 12 – Thierbuch.

Fonte: Wagener (1997, aquarela 104).

Amédée Francois Frézier (1682-1773) foi um dos poucos viajantes a penetrar na América portuguesa, e as ilustrações de sua viagem tornam seu livro ainda mais preciso, como neste raro registro do transporte de um fidalgo baiano do início do século XVIII (Fig. 13). Seu livro *Relation du voyage de la mer du Sud, aux côtes du Chili, du Pérou et de Brésil, fait pendant les années 1712, 1713, et 1714*, teria a edição Francesa publicada em 1716 traduzida para o inglês já 1717, seguida das traduções para holandês e alemão em 1718. Nele fica evidente a evolução da rede-palanquim, se comparada àquela pintada por Wagener, como um luxuoso meio de transporte. Há também o parasol que o jovem criado negro, elegantemente trajado, carrega junto com a espada de seu senhor, um conjunto que remete iconograficamente ao imaginário asiático.

Figura 13 – Prancha XXXV.



Fonte: Scotin (1732, p. 272).

Figura 14 – *Molheres solteiras índias. Cristãs.*



Fonte: (Molheres [...], (c. 1550)).

Na pintura acima (Fig. 14), percebe-se uma delicadeza respeitosa no encontro algo galante entre portugueses e nativos. Já a sofisticação do jantar dentro de um espelho d'água para arrefecer o calor é de uma sofisticação inaudita. Ambas as aquarelas respiram uma

alegria cortesã desconhecida no Brasil. Ao contrário do códice da Biblioteca Casanatense, houve uma ausência de artistas costumbristas na América portuguesa. Há, contudo, um elemento que torna essas imagens orientais “mais recentes” que as pintadas pelos artistas viajantes no século XIX: a redescoberta tardia na década de 1950 dessa icnografia contemporânea de Camões pelo jesuíta alemão Georg Otto Schurhammer (1882-1971)! Elas permitem comparar a vida portuguesa no Brasil, aquilo Jean-Baptiste Debret encontrou no Rio de Janeiro ao chegar em 1816. Apesar dos pontos de vista separados por três séculos e um outro hemisfério, é possível encontrar semelhanças entre as gentes e os costumes dos dois continentes (Fig. 15 e 16).

Figura 15 – *Gente portuguesa de Ormuz. Estão comendo dentro d’água por ser a terra muito calmosa (detalhe).*



Fonte: (Gente portuguesa [...], [c. 1550]).

Figura 16 – *Un dîner brésilien.*



Fonte: Debret (1827).

Naquela que seria, quiçá, a mais exótica das aquarelas de Debret sobre os antigos brasileiros, é interessante notar que os homens não ultrapassam o umbral da porta (Fig. 17). Trata-se de um recinto reservado a mulheres e crianças, tanto a matrona sentada à oriental em uma marquesa, como sua escrava com a máscara de lata têm o torso desnudo com os seios à mostra. A chinesa, no detalhe da aquarela do Códice Casanatense reproduzida logo abaixo, parece mais portuguesa que a gorda brasileira. Em comum, o cuidado com os coques nos penteados chineses das antigas brasileiras. É evidente a semelhança do penteado em coque das matronas brasileiras com a jovem chinesa vestida à europeia que, aliás, tem mais recato no vestir.

Figura 17 – *Une visite à la Campagne.*



Fonte: Debret (1828).

Figura 18 – *Gente da China; chamam-se Chinas* (detalhe).



Fonte: (Gente [...], [c. 1550]).

A razão do penteado com os cabelos presos em coque está no proverbial comprimento deles, como aparecem na aquarela de Carlos Julião (Fig. 19) de uma braseira na intimidade vestindo um roupão chinês.

Figura 19 – *Figura de mulher com traje caseiro.*



Fonte: Julião (1776-1779).

A beleza da jovem retratada por Carlos Julião envia vaga ideia de como seria a mítica Dinamene, a musa chinesa de Camões: “Alma minha gentil, que te partiste”. Julião, um oficial engenheiro de origem italiana, serviu nas possessões lusas de Goa, Damão e Diu a serviço da Coroa portuguesa, tendo tido contato direto com as diversidades sociais e culturais. Antes de sua vinda ao Brasil, pode absorver a riqueza etnográfica do subcontinente indiano, isso de certa forma o preparou para olhar e registrar o cotidiano no Brasil do Setecentos, onde teve a oportunidade de observar e registrar elementos da sociedade do Rio de Janeiro e da região mineradora do Serro do Frio.

Essas escassas figurinhas tentam suprir um grande abismo no que concerne aos aspectos das gentes brasileiras atrás dos fumos da arte religiosa dominante. O Brasil não teve nada que pudesse se aproximar do Políptico de Nuno Gonçalves que Eugenio D’Ors descobriu na Exposição Colonial **Internacional de Paris** de 1931, quando fo-

ram expostos pela primeira vez fora de Portugal, onde o conjunto foi altamente aclamado por críticos e historiadores de arte europeus. Os Painéis de São Vicente de Fora, conjunto de seis painéis a óleo e têmpera sobre madeira, retratam uma monumental assembleia de 58 figuras da corte de D. Afonso V, com príncipes, fidalgos e plebeus prestando homenagem a São Vicente. Junto com o painel, D'Ors oferece ao expectador uma possibilidade de revisitar *Os Lusíadas*.

Uma atmosfera singular envolve essa obra (Fig. 20); uma espécie de mistério dela se liberta, que não vem nem do tema nem dos múltiplos enigmas iconográficos ou arqueológicos que encerra a sua composição. Ela está banhada – parece – por uma luz verde, luz fria onde se lê uma profunda saudade. Entra-se na contemplação do Político como se entra num templo ... e um pouco também como se o faz num aquário. O sentimento do mar próximo, protagonista e inspirador, choca inevitavelmente.

Figura 20 – Político de San Vicente Nuno.



Fonte: Gonçalves (1465).

RECEBIDO: 24/07/2026

APROVADO: 15/08/2026

REFERÊNCIAS

- APPELBAUM, Stanley. *The Triumph of Maximilian I, 137 Woodcuts by Hans Burgkmair and Others*. New York: Dover Publications, 1964. p. 122-124.
- BANDEIRA, Julio; CORRÊA DO LAGO, Pedro. *Debret e o Brasil*. Obra Completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2007.
- BANDEIRA, Julio. *O Brasil na Rota da China (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Arte Padilla, 2018.
- BARRETO, Luís Filipe; GARCIA, José Manuel. *Portugal na abertura do Mundo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- BOXER, Charles R. et al. *Portugal Brazil, the Age of Atlantic Discoveries*. New York: Franco Maria Ricci, 1990. p. 250.
- BURGKMAIR, Hans. *Gente de Calicute*. [c. 1518a]. 1 xilogravura, 31,115 x 40 cm, col. part.
- BURGKMAIR, Hans. *Gente de Calicute*. [c. 1518b]. 1 xilogravura, 31,115 x 40 cm, col. part. (detalhe).
- BURNELL, Arthur Coke; TIELE, P. A. *The Voyage of John Huyghen van Linschoten to the East Indies*. London: Hakluyt Society, 1935.
- CHAFARIZ d'el-Rei. [c. 1570-1580]. 1 óleo sobre madeira, 93 x 163 cm. [Lisboa, Coleção Berardo, anteriormente na coleção dos condes de Adaneiro, Madri].
- CRUZ, Maria Leonor Garcia da. *Os "Fumos da Índia" uma leitura crítica da expansão portuguesa*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- D'ORS, Eugenio. *O Barroco*. Lisboa: Vega, 1976.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Un dîner brésilien*. 1827. 1 aquarela sobre papel, 15,9 x 21,9 cm. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Une visite à la Campagne*. 1828. 1 aquarela sobre papel, 15,1x21,1 cm, Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos, decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. 3 v.
- FRÉZIER, Amédée François. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux côtes du Chily et du Pérou, fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Paris: Chez Nyon, 1716.

GENTE da China; chamam-se Chinas (detalhe). [c. 1550]. 1 aquarela sobre papel, 31 x 44cm. [Prancha LXXIV, *Códice Casanatense*, Biblioteca do Vaticano, Roma. Em *Imagens do Oriente no século XVI, Reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*, Imprensa Nacional, Lisboa da Casa da Moeda, Lisboa, 1985].

GENTE honrada portuguesa da Índia. [c. 1550]. 1 aquarela sobre papel, 31 x 44 cm. [Prancha LIII, *Códice Casanatense*, Biblioteca do Vaticano, Roma].

GENTE portuguesa de Ormuz. Estão comendo dentro d'água por ser a terra muito calmosa. [c. 1550]. 1 aquarela sobre papel, 31 x 44 cm. [Prancha XVIII, *Códice Casanatense*, Biblioteca do Vaticano, Roma. Em *Imagens do Oriente no século XVI, Reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*, Imprensa Nacional, Lisboa da Casa da Moeda, Lisboa, 1985].

GONÇALVES. *Políptico de San Vicente Nuno*. 1465. 1 óleo e têmpera sobre madeira, 10.33 x 3.57. [Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa].

GSCHWEND, Annemarie Jordan; LOWE, K. J. P. *The Global City, on the Streets of Renaissance Lisbon*. Londres: Paul Holberton, 2015.

JONES, John Winter. *The Itinerary of Ludovico di Varthema of Bologna, from 1502 to 1508*. London: The Argonaut Press, 1928.

JULIÃO, Carlos, *Figura de mulher com traje caseiro*. 1776-1779. 1 aquarela sobre papel. [pr. XXIV. Biblioteca Nacional].

JULIÃO, Carlos. *Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio*. Códice, constando de 43 aquarelas coloridas, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

MATOS, Luís de. *Imagens do Oriente no século XVI, reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

MOLHERES solteiras índias. Cristãs. [c. 1550]. 1 aquarela sobre papel, 31x44cm. [Prancha LI, *Códice Casanatense*, Biblioteca do Vaticano, Roma].

SCOTIN, Gérard. Prancha XXXV. 1 buril, 19 x 29 cm. In: FRÉZIER, Amédée-François. *Relation du voyage de la mer du Sud, aux côtes du Chili, du Pérou et de Brésil, fait pendant les années 1712, 1713, et 1714*. Paris: Chez Nyon, 1732, p. 272. Col. part.

SOUZA-BOTELHO, José Maria de. *Morgado de Matteus: Os Lusíadas*. Paris: Firmin Didot, 1817.

VAN LINSCHOTEN, Jan Huygen. *O Leilão que se faz cada dia pela manhã na Rua Direita na Cidade de Goa*. 1596. 1 buril. [Amsterdam, Cornelis Claesz].

VISTA da rua Nova dos Mercadores desde o Arco dos Barretes até o Arco dos Pregos. [c. 1550-1619]. 1 óleo sobre tela, 65 x 95,5 cm. [The Society of Antiquaries, Kelmscott Manor, Oxfordshire, Reino Unido].

WAGENER, Zacharias. *Mercado de escravos*. [c. 1630]. 1 aquarela, 21 x 35,3 cm.

WAGENER, Zacharias. *O “Thierbuch” e a “Autobiografia”*. Brasil Holandês. Rio de Janeiro: Index, 1997. v. 2.

MINICURRÍCULO

JÚLIO BANDEIRA é sócio do Real Gabinete Português de Leitura, da Associação Brasileira de Imprensa, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Arte e do Pen Clube. Doutor em Teoria e História da Arte pela Universidade de Essex, Reino Unido, Mestre em História do Brasil pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bacharel em Comunicação Social pela PUC/RJ. Em seu pós-doutoramento na ECO/UFRJ dedicou-se ao estudo da representação da paisagem. São de sua autoria mais de 20 livros e catálogos de exposições dedicados aos artistas viajantes que estiveram no Brasil, em especial Jean Baptiste Debret e Thomas Ender. Entre seus livros estão *Canibais no Paraíso, a França Antártica e o imaginário europeu quinhentista* (Ed. Mar de Idéias, 2006), *Debret e o Brasil* (Ed. Capivara, 2010), *A viagem de Marianne North ao Brasil, 1872-1873* (Ed. Sextante, 2012), *O Brasil na rota da China* (Ed. ArtePadilla, 2018), *Ender e o Brasil* (Ed. Capivara, 2022). Prepara atualmente a edição do diário/manuscrito de Ludwig Riedel, botânico da expedição Langsdorff.